

49. A COMUNHÃO DOS SANTOS

946-962

INTRODUÇÃO



O artigo “creio na comunhão dos santos” é o artigo mais novo do Símbolo dos Apóstolos. Ele foi inserido no Símbolo pelos fins do século IV. Seria isso motivo para considerar o “creio na comunhão dos santos” como um artigo secundário ou corrompido?

Absolutamente não! O Catecismo, nesse sentido, é muito claro: “Este artigo é, de certo modo, uma explicitação do anterior: que é a Igreja, se não a assembleia de todos os santos? A comunhão dos santos é precisamente a Igreja” (946).

Com efeito, a Igreja é a Assembleia santa, a santa Comunidade. E esse mistério da Igreja é tão inesgotável como o do Espírito Santo que nela habita e age. Assim a necessidade de definir melhor a obra santificadora de Deus foi o que levou a Igreja a desdobrar o artigo “creio no Espírito Santo” nos artigos sobre a Igreja, a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna.

TEXTO 946-962

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

ARTIGO 9: CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

PARÁGRAFO 5: A COMUNHÃO DOS SANTOS

946. Depois de ter confessado «a santa Igreja Católica», o Símbolo dos Apóstolos acrescenta «a comunhão dos santos». Este artigo é, em certo sentido, uma explicitação do anterior: pois «que é a Igreja senão a assembleia de todos os santos?». A comunhão dos santos é precisamente a Igreja.

947. «Uma vez que todos os crentes formam um só corpo, o bem de uns é comunicado aos outros [...]. E assim, deve-se acreditar que existe uma comunhão de bens na Igreja. [...] Mas o membro mais importante é Cristo, que é a Cabeça [...]. Assim, o bem de Cristo é comunicado a todos os membros, comunicação que se faz através dos sacramentos da Igreja». «Como a Igreja é governada por um só e mesmo Espírito, todos os bens por ela recebidos tornam-se necessariamente um fundo comum».

948. A expressão «comunhão dos santos» tem, portanto, dois significados estreitamente ligados: «comunhão nas coisas santas (*sancta*)», e «comunhão entre as pessoas santas, (*sancti*)».

«*Sancta sanctis!* (O que é santo, para aqueles que são santos)». Assim proclama o celebrante na maior parte das liturgias orientais, no momento da elevação dos santos Dons antes do serviço da comunhão. Os *fiéis* (*sancti*) são alimentados pelo Corpo e Sangue de Cristo (*sancta*), para crescerem na comunhão do Espírito Santo (*Koinônia*) e a comunicarem ao mundo.



I. A comunhão dos bens espirituais

949. Na comunidade primitiva de Jerusalém, os discípulos «eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações» (At 2, 42).

A comunhão na fé. A fé dos fiéis é a fé *da Igreja* recebida dos Apóstolos, tesouro de vida que se enriquece na medida em que é partilhada.

950. *A comunhão nos sacramentos.* «O fruto de todos os sacramentos pertence a todos. Os sacramentos, e sobretudo o Batismo, que é como que a porta por onde os homens entram na Igreja, são outros tantos vínculos sagrados que os unem todos e os ligam a Jesus Cristo. A comunhão dos santos é a comunhão dos sacramentos [...]; o nome de comunhão pode aplicar-se a cada um deles, porque cada um deles nos une a Deus [...]. Mas este nome convém mais à Eucaristia do que a qualquer outro, porque é principalmente ela que consoma esta comunhão».

951. *A comunhão dos carismas:* na comunhão da Igreja, o Espírito Santo «distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as ordens» para a edificação da Igreja. Ora, em cada um se manifestam os dons do Espírito, para o bem comum» (1Cor12,7).

952. «*Eles punham tudo em comum*» (At 4,32): «Tudo o que o verdadeiro cristão possui, deve olhá-lo como um bem que lhe é comum com os demais, e deve estar sempre pronto e ser diligente para ir em socorro do pobre e da miséria do próximo». O cristão é um administrador dos bens do Senhor.

953. *A comunhão da caridade: na sanctorum communio*, «nenhum de nós vive para si mesmo, e nenhum de nós morre para si mesmo» (Rm 14,7). «Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro for honrado por alguém, todos os membros se alegram com ele. Vós sois Corpo de Cristo e seus membros, cada um na parte que lhe diz respeito» (1Cor 12,26-27). «A caridade não é interesseira» (1Cor 13,5). O mais insignificante dos nossos atos, realizado na caridade, reverte em proveito de todos, numa solidariedade com todos os homens, vivos ou defuntos, que se funda na comunhão dos santos. Pelo contrário, todo o pecado prejudica esta comunhão.



II. A comunhão entre a Igreja do céu e a da terra

954. *Os três estados da Igreja.* «Até que o Senhor venha na sua majestade e todos os seus anjos com Ele e, vencida a morte, tudo Lhe seja submetido, dos seus discípulos uns peregrinam na terra, outros, passada esta vida, são purificados, e outros, finalmente, são glorificados e contemplam claramente Deus trino e uno, como Ele é»:

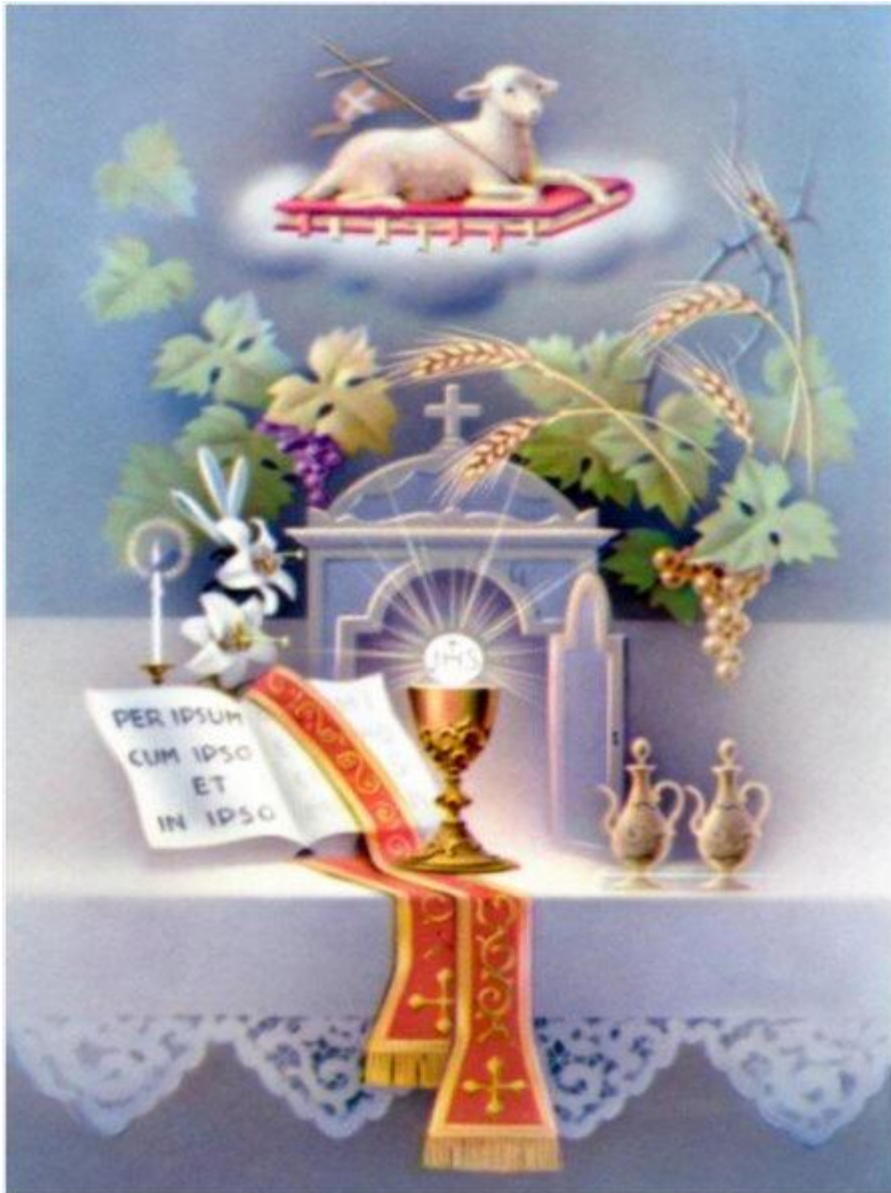
«Todos, porém, comungamos, embora de modo e grau diversos, no mesmo amor de Deus e do próximo, e todos entoamos ao nosso Deus o mesmo hino de glória. Com efeito, todos os que são de Cristo e têm o seu Espírito, formam uma só Igreja e n'Ele estão unidos uns aos outros».

955. «E assim, de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo: mas antes, segundo a constante fé da Igreja, essa união é reforçada pela comunicação dos bens espirituais».

956. *A intercessão dos santos.* «Os bem-aventurados, estando mais intimamente unidos com Cristo, consolidam mais firmemente a Igreja na santidade [...]. Eles não cessam de interceder a nosso favor, diante do Pai, apresentando os méritos que na terra alcançaram, graças ao Mediador único entre Deus e os homens, Jesus Cristo [...]. A nossa fraqueza é assim grandemente ajudada pela sua solícitude fraterna»:

«Não choreis, que eu vos serei mais útil depois da morte e vos ajudarei mais eficazmente que durante a vida».

«Quero passar o meu céu a fazer o bem sobre a terra».



957. A comunhão com os santos. «Não é só por causa do seu exemplo que veneramos a memória dos bem-aventurados, mas ainda mais para que a união de toda a Igreja no Espírito aumente com o exercício da caridade fraterna. Pois, assim como a comunhão cristã entre os cristãos ainda peregrinos nos aproxima mais de Cristo, assim também a comunhão com os santos nos une a Cristo, de quem procedem, como de fonte e Cabeça, toda a graça e a própria vida do povo de Deus».

«A Cristo, nós O adoramos, porque Ele é o Filho de Deus; quanto aos mártires, nós os amamos como a discípulos e imitadores do Senhor: e isso é justo, por causa da sua devoção incomparável para com o seu Rei e Mestre. Assim nós possamos também ser seus companheiros e condiscípulos!».

958. A comunhão com os defuntos. «Reconhecendo claramente esta comunicação de todo o Corpo místico de Cristo, a Igreja dos que ainda peregrinam venerou, com muita piedade, desde os primeiros tempos do cristianismo, a memória dos defuntos; e, porque “é um pensamento santo e salutar rezar pelos mortos, para que sejam livres de seus pecados” (2Mc 12,46), por eles ofereceu também sufrágios». A nossa oração por eles pode não só ajudá-los, mas também tornar mais eficaz a sua intercessão em nosso favor.



959. *Na única família de Deus.* «Todos os que somos filhos de Deus e formamos em Cristo uma família, ao comunicarmos uns com os outros na caridade mútua e no comum louvor da Santíssima Trindade, correspondemos à íntima vocação da Igreja».



Resumindo:

960. *A Igreja é «comunhão dos santos»:* esta expressão designa, em primeiro lugar, as «coisas santas» (sancta) e, antes de mais, a Eucaristia, pela qual «é representada e se realiza a unidade dos fiéis que constituem um só Corpo em Cristo».

961. *Este termo também designa a comunhão das «pessoas santas» (sancti) em Cristo, que «morreu por todos», de modo que o que cada um faz ou sofre por Cristo e em Cristo reverte em proveito de todos.*

962. *«Nós cremos na comunhão de todos os fiéis de Cristo: dos que peregrinam na terra, dos defuntos que estão levando a cabo a sua purificação e dos bem-aventurados do céu: formam todos uma só Igreja; e cremos que, nesta comunhão, o amor misericordioso de Deus e dos seus santos está sempre atento às nossas orações».*



Revisando temas

Dois significados, uma só realidade

A comunhão dos santos é, em relação às pessoas, a imensa e admirável Comunidade de todos os fiéis vivos e falecidos. Em relação aos bens espirituais, a comunhão dos santos é a inserção da vida de cada um dos filhos de Deus na vida de todos os outros em Cristo, como os ramos de uma mesma videira, como membros de um só e mesmo corpo.

São dois aspectos de um só mistério (o mistério da videira). A comunhão dos santos é a retomada (um dizer de novo) do mistério da Igreja, mas desta vez com o objetivo de acentuar as relações dos ramos entre si. De um lado, os ramos da videira partilham a mesma terra, recebem a mesma seiva, respiram o mesmo ar, bebem da mesma chuva, amadurecem sob o mesmo sol: esta é a comunhão nas coisas santas. De outro lado, os ramos formam e são a única videira no sentido de que cada um participa na saúde, vitalidade e fecundidade dos outros ramos. Esta é a comunhão dos santos.

O que é a Igreja senão a assembleia de todos os santos? Desde a origem do mundo, todos, patriarcas, profetas, mártires, e também todos os justos que existiram e existirão, formam uma só Igreja, porquanto foram justificados por uma mesma fé, uma mesma forma de viver, marcados por um só Espírito, e tornados um só corpo cuja cabeça se chama Cristo, segundo as Escrituras. Além disso, os próprios anjos pertencem a essa única Igreja, de acordo com a doutrina do Apóstolo que nos ensina que em Cristo Jesus são reconciliadas todas as coisas, não somente as da terra, como também as do céu (Nicetas, De Symbolo, 5,10).

Aquele que não dá a mão, esse não é cristão. Esse é que é um estranho. O pecador estende a mão ao santo, dá a mão ao santo, pois o santo dá a mão ao pecador. E os dois juntos, um pelo outro, um puxando o outro, sobem até Jesus, fazem uma cadeia que sobe até Jesus, uma cadeia de dedos inseparáveis. Aquele que não é cristão, aquele que não possui a mínima competência em matéria de cristianismo, é esse que não dá a mão. O cristão não se define de maneira alguma pela estiagem, mas pela comunhão (Péguy).

A intercessão dos santos

Os santos dos céus não estão tão absorvidos na sua própria felicidade que se esqueçam das almas que deixaram atrás. Ainda que quisessem, não o poderiam fazer. O seu perfeito amor a Deus deve incluir um amor a todas as almas em que Ele mora e pelas quais Jesus morreu. Em resumo, os santos devem amar as almas que Jesus ama, e o amor que os santos dos céus têm pelas almas do purgatório e pelas almas da terra não é um amor passivo. Os santos estão ansiosos por ajudar essas almas cujo valor infinito estão agora em condições de apreciar como antes não podiam. E se a oração de um homem bom na terra pode mover o coração de Deus, como não será a força das orações que os santos oferecem por nós!

Nós de nossa parte devemos venerar e honrar os santos. Não só porque podem e querem interceder por nós, mas porque o nosso amor a Deus assim o exige. Quando se elogia a obra de um artista, honra-se o artista. Os santos são as obras-primas de Deus; quando os honramos, honramos Aquele que os fez, o seu Redentor e Santificador. A honra que se presta aos santos não é subtraída a Deus. Ao contrário, é uma honra que lhe tributamos de uma maneira que Ele mesmo pediu e deseja (Leo J. Trese, *A fé explicada*, 159-169).